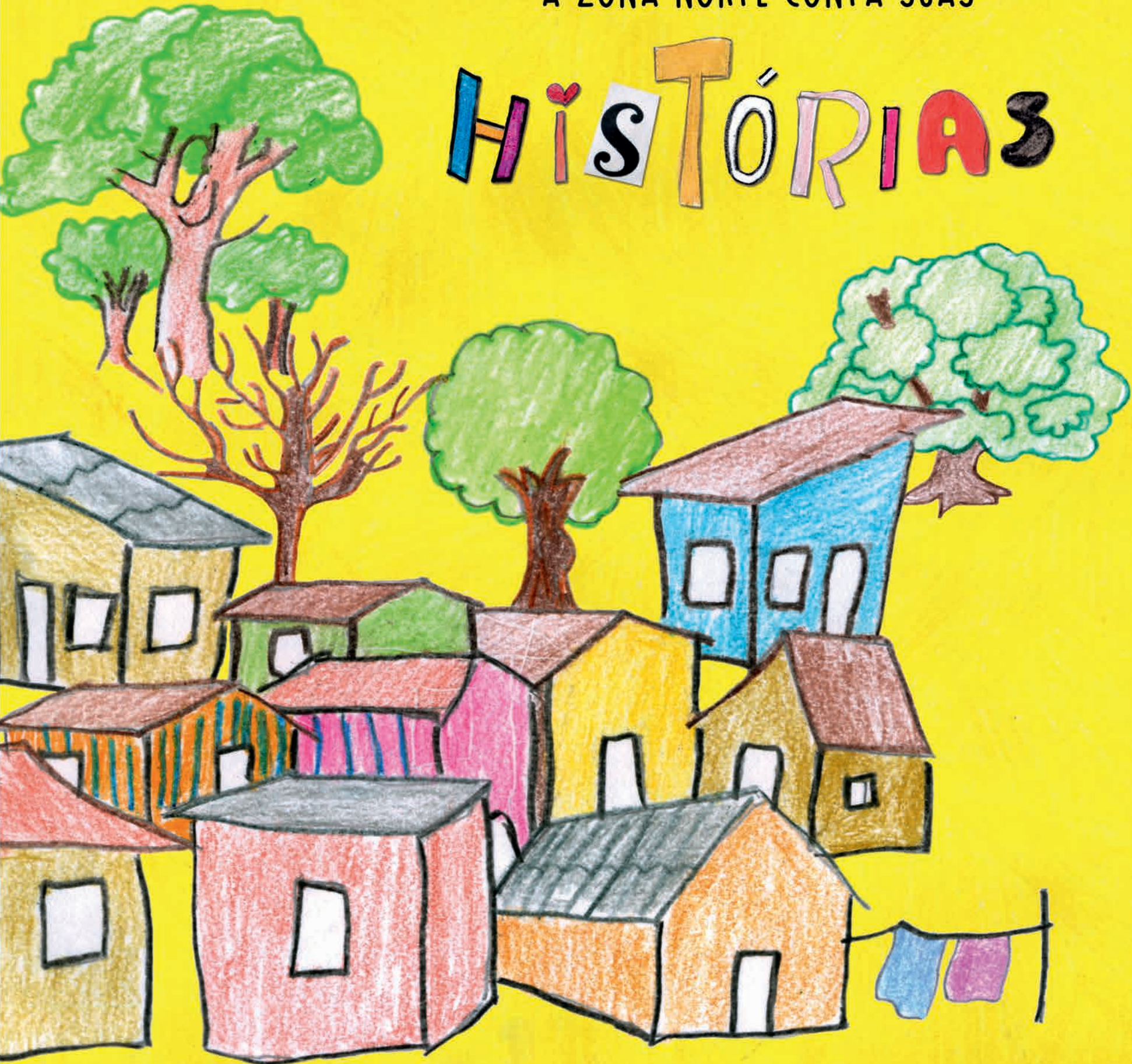


A ZONA NORTE CONTA SUAS

HISTÓRIAS





APRESENTAÇÃO

O catálogo da exposição *A Zona Norte Conta Suas Histórias* é o resultado de um esforço conjunto de um grupo de pessoas da Zona Norte que, ao longo desse ano, participaram de um programa de formação do projeto “Todo Lugar Tem uma História para Contar”, promovido pelo Museu da Pessoa com o apoio do Center Norte e do Magazine Luiza.

Foram alunos e professores de escolas de ensino fundamental da DRE Freguesia do Ó, frequentadores e educadores de organizações sociais de diferentes idades e lugares, que participaram dos encontros de formação em diferentes lugares e que agora veem os resultados do seu trabalho conjunto. Todos contando histórias do mesmo lugar!

Essas pessoas hoje são agentes da memória dessa região de São Paulo. Elas ouviram histórias da vida de moradores da Freguesia do Ó, da Vila Baruel, da Vila Rica, do Jardim Paraná, da Casa Verde, do Jardim Elisa Maria.

As histórias produzidas em texto e desenhos criados a partir do que os moradores contaram aos agora agentes da memória nos trazem a dimensão humana da vida em uma cidade como São Paulo. Olhares atentos observarão as dificuldades do início, as lembranças da escola, da vida em família, dos lugares e a vida transformada pelo lugar e o lugar transformado pela vida vivida.

Esta ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2018 (Pronac - 17.7422), realizado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com patrocínio do Instituto Center Norte e Magazine Luiza.

Museu da Pessoa



A ZONA NORTE CONTA SUAS

HISTÓRIAS



MARIA ROSA

O básico para sobreviver

Durante a entrevista com a professora Maria Rosa, pedimos a ela para falar um pouco da sua infância, sobre seu bairro, sobre sua rua. Nesse momento, percebemos que o seu rosto se iluminou de alegria. Ela nos contou que a sua infância foi maravilhosa e que é a parte da sua história de vida de que mais gosta.

A professora Maria Rosa disse que, até os 9 anos, ela e sua família viviam isolados do mundo. Eles moravam no meio do mato em uma casa de pau a pique, que ficava no alto do morro. Descendo o morro, havia uma lagoa onde eles pescavam peixes para comer. Eles tinham na casa cavalo, galinhas, um cachorro chamado Pixote e muitos pés de frutas. Como ela disse, eles tinham ali o básico para sobreviver.

Nesse período, ela gostava muito de brincar, de subir em árvores e disse que é daí que vem o seu jeito de moleca até hoje. Sua brincadeira favorita da infância era descer correndo o morro e cair na lagoa.

Logo no início do seu relato sobre a sua infância, ela disse que, provavelmente, hoje em dia nós não gostaríamos de ter vivido a mesma experiência que ela viveu. Será mesmo que não?

Maria Rosa de Jesus tem 64 anos, nasceu em Riacho de Santana na Bahia e é professora. Foi entrevistada pela professora Eliana Apostólico Silvério e pelos alunos do 9ºTCA da EMEF Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti.



BENEDITO

Entre ovos e compaixão

O Senhor Camargo viveu sua infância vendo seu pai adoecer dia após dia, o que fez com que tivesse que morar em vários lugares, pulasse de escola em escola, atrasando seus estudos por bastante tempo e passando por dificuldades financeiras e emocionais.

Devido à doença de seu pai, viveu com seus avós durante um tempo quando criança. Essa época foi muito importante para ele. Sua avó era uma mulher rigorosa, implicante e de gênio bastante forte; já seu avô era bem mais calmo, brincalhão e amoroso. Viver com eles foi salutar para sua vida.

Era comum seu avô acordá-lo tarde da noite para acompanhá-lo até a cozinha com a desculpa de fritar ovos, mas no fundo a intenção era fazer bagunça com o menino longe dos olhares julgadores da avó. Esses momentos tão simples diminuíam um pouco o sofrimento do menino e consolidavam uma relação fraternal entre eles, despertando no Senhor Camargo uma admiração imensa em relação ao avô.

Benedito Camargo, Diácono Permanente da Igreja Matriz da Freguesia do Ó, nascido em Candido Mota (SP) em 1º de dezembro de 1943, fundador do Portal do Ó e apaixonado pela Freguesia do Ó. Foi entrevistado pela professora Renata Cecília de Aguiar e pelos alunos do 8ºB da EMEF Presidente Nilo Peçanha.

FABIO

Amigo do bairro e dos animais

Fabio Costa mora em frente à Escola Municipal Plínio Ayrosa e é dono de um lindo cachorro da raça dogo argentino que é a atração das crianças na saída da escola. Por esse motivo, foi escolhido para compartilhar um pouquinho de sua história de vida na Freguesia do Ó e contar as bagunças que o Zeus costuma aprontar.

Os avós de Fábio são de origem italiana. Vieram para o Brasil, primeiramente para o Estado do Espírito Santo, para trabalhar no campo como plantadores de café. Na década de 40, instalaram-se no bairro da Freguesia do Ó, em São Paulo, onde fincaram raízes. Fábio gosta muito do bairro. Morou em outro lugar por dois anos, mas retornou para a Freguesia e vai ficar por aqui. Acredita que o bairro ainda precisa de melhoras no trânsito, segurança e lazer.

Sempre estudou em escola pública e sua matéria preferida era matemática. Na infância, brincava de empinar pipa, jogar futebol, vôlei e bolinha de gude. Tem boas lembranças do tempo de criança e adolescência.

Quando criança, Fabio teve vários animais de estimação, como cachorros, aves e até uma jaguatirica, que seu tio encontrou ainda filhotinho e perdido da mãe. Seu pai, então, a levou para casa e eles cuidaram dela durante um tempo.

Atualmente, possui uma ave e um cachorro como animais de estimação. O Zeus é um cachorro enorme, que a família comprou para ajudar a guardar a casa. Às vezes come o pneu do carro, rasga roupas, derruba coisas, come baldes e sua especialidade é destruir vassouras.

Fabio tem esposa e três filhos, uma menina e dois meninos e lamenta pelos filhos, por não poderem ter a liberdade que ele teve na infância. Acredita que a internet veio para ajudar muito, mas também pode atrapalhar. Disse que é importante dividir bem o tempo para que possa fazer outras atividades, como esportes e brincadeiras, e isso vale para todas as crianças.

Fabio Fernando da Costa, 42 anos, morador da Freguesia do Ó e dono do cachorro Zeus. Foi entrevistado pela professora Priscila Vitoria Furlaneto Aquino e pelos alunos do 5º C da EMEF Plínio Ayrosa.



LAVÍNIA

Doces lembranças

Na infância, Dona Lavínia gostava de brincar de carrinho de rolimã, patinete e empinar pipas. Só não gostava de brincar de boneca. Ela estudou até a 8ª série na EE Prof. Galdino Lopes Chagas e sua melhor lembrança na escola é a primeira professora, Aparecida. O ensino, antigamente, era mais rígido. Mas essa professora era boa para eles.

Lavínia parou de estudar porque casou e teve filhos cedo. Durante a maior parte da vida trabalhou como vendedora. Atualmente, é dona de uma lojinha de doces perto da nossa escola. Está ali há 22 anos e conhece alguns alunos desde que estavam na barriga da mãe.

Resolveu abrir a loja na casa dela porque trabalhava na rua vendendo Yakult e decidiu se dedicar mais à família. Tem quatro filhos e perdeu o marido há dois anos. Ele faleceu com uma parada cardíaca. Dona Lavínia disse que ele é sua maior saudade.

Ela também nos contou que, no lugar onde foi construída a escola, era um terreno abandonado que servia como ponto de drogas. Prefere o bairro assim como está hoje e diz que a escola veio para alegrar a vila.

Lavínia Antônio Frederico, 64 anos, nasceu em São Paulo no dia 20 de janeiro de 1954. É a "tia" que vende o doce perto da escola. Foi entrevistada pela professora Analice Maia Jeronymo e pelos alunos do 6º ao 8º da EMEF Profª Maria Aparecida Rodrigues Cintra.

Entre São Joaquim do Monte e São Paulo há muitas histórias para contar

Nascido em São Joaquim do Monte, no Estado do Pernambuco, Luiz Antônio passou de sua infância até o início da vida adulta no campo, junto com seus pais e seus oito irmãos, com quem dividia os afazeres domésticos e o trabalho na agricultura de sua família. Como irmão mais velho, sempre teve muitas responsabilidades, o que o fez deixar o colégio na antiga terceira série. Não conseguiu terminar o seu processo de alfabetização, deixando a escola sabendo escrever o seu próprio nome, os números e fazendo contas de cabeça, o que o ajudou muito no trabalho como vendedor de doces.

Rodeado por sua família, aos 24 anos, junto com sua esposa, resolveu deixar a cidade do interior de Pernambuco para se arriscar na cidade de Guarulhos, na Grande São Paulo. Como o seu Luiz nos disse, quase ficou rico com a revenda de frutas que trazia da Região Nordeste para o centro comercial do Brasil, porém perdeu tudo e se viu perdido em meio a um novo mundo em que agora estava vivendo. Em sua casa no bairro de Bonsucesso precisava amarrar sua geladeira e o fogão para que as águas das chuvas não os levassem, sua casa alagava completamente.

Diante das dificuldades e das lutas, o casal se mudou para o bairro Jardim Elisa Maria, já na capital São Paulo, onde criaram as duas filhas, Elaine e Luciana, ambas formadas no ensino superior, em pedagogia e em administração respectivamente. O vovô nos conta também que mora junto com a sua netinha, que o chama de pai.

No bairro do Jardim Elisa Maria, Sr. Luiz conseguiu alugar um pequeno espaço em frente à escola para começar a vender doces, porém não pôde mais continuar em sua loja e começou a vender doces no seu carro, o que segue fazendo até hoje. Segundo ele, vende mais de 100 doces por dia! Está aposentado há alguns meses.

Sr. Luiz nos contou que um dos seus maiores sonhos é ter sua carteira de habilitação e, depois, comprar um carro em seu nome. Dirige seu carro – a sua lojinha ambulante – apenas dentro do bairro. Para isso, quer aprender a ler e escrever para comprar um carro mais novo e viajar.

Luiz Antônio da Silva nasceu em São João, no Estado de Pernambuco, há 55 anos. É casado, pai de duas filhas formadas, avô e vende doces na porta da EMEF Profª Cecília Moraes de Vasconcelos. Foi entrevistado pela professora Simone Idy Paredes e pelos alunos do reforço.



Medo de dormir

Lelean e Lana são irmãs e moravam na Síria, na cidade de Homs. Lelean tinha 6 anos e Lana 8 anos, nessa época.

Quando moravam na Síria, a guerra já havia começado e elas não conseguiam dormir com medo das bombas. Só dormiam com seus pais. Tanto elas como toda a sua família sentiam muito medo da guerra que acontecia em sua cidade. Até na escola sentiam medo, chegando, às vezes, a ter que ligar para os pais irem buscá-las. A escola em que estudavam ficava perto da sua casa e elas não podiam ir sozinhas. Aliás, tinham muitas privações o tempo todo. Não podiam sair de casa. Faltava água e luz, o telefone e a internet só podiam ser usados em uma determinada hora do dia e durante uma hora somente.

Vieram para o Brasil para se proteger da guerra há mais ou menos dois anos. Deixaram seu gato e seu cachorro para trás, não puderam trazê-los, fato que as deixou muito tristes.

Mesmo depois que chegaram ao Brasil, passaram um tempo sem conseguir dormir, com medo, pois ficavam esperando o barulho das bombas que estavam acostumadas a ouvir.

Hoje vivem mais tranquilas e gostam da sua vida aqui, mas, se a guerra acabasse, gostariam de voltar para o seu país.

Lelean Al Obaid e Lana Al Obaid nasceram na cidade de Homs, na Síria. Lelean tem 9 anos e está no 4º ano e Lana tem 11 anos e está no 5º ano da EMEF Paulo Nogueira Filho, Vila Baruel, Zona Norte de São Paulo. Foram entrevistadas pela professora Simone Maria Cabral Souto Maior Ferraz e pelos alunos do 4º e 5º da EMEF Theo Dutra.

ELIAS

Naquele dia, Betinho não acordou

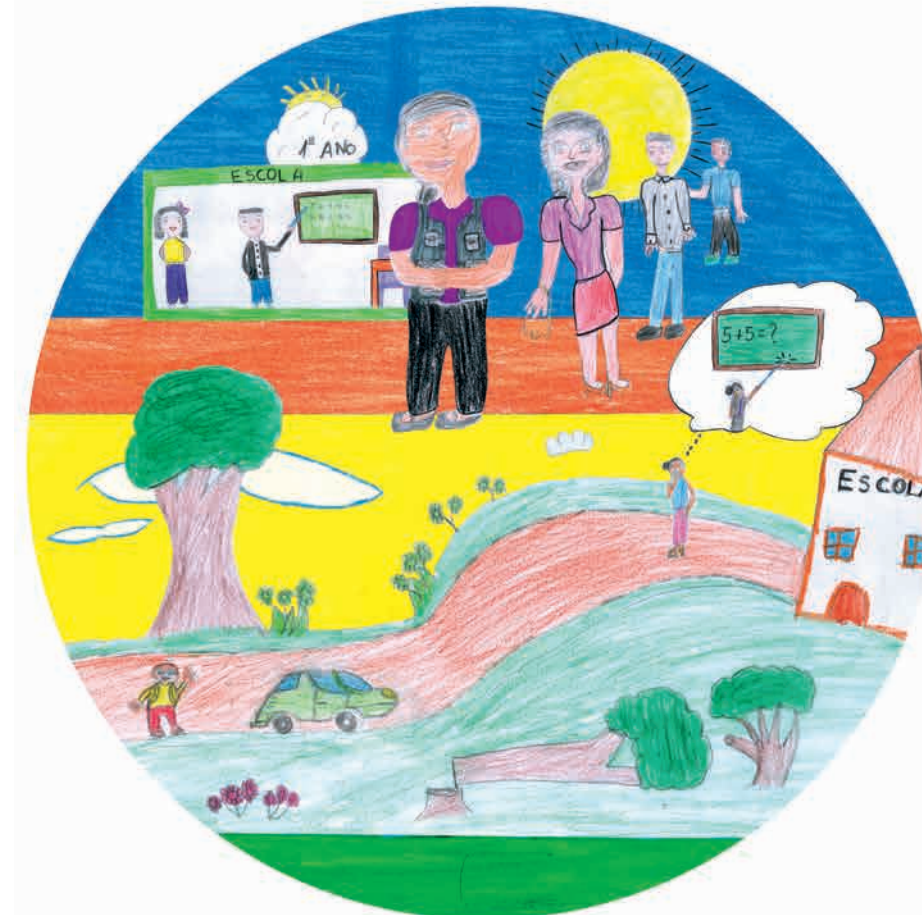
Elias tinha sido convidado para participar de uma festa onde Betinho, um grande amigo, também estaria presente. A festa havia sido promovida pela irmã de Betinho, que também era amiga de Elias. Os três beberam e se divertiram muito naquela noite. Betinho, que já tinha extrapolado na bebida, decidiu ir embora mais cedo, e Elias, bem alegre, se mandou logo depois.

Elias acordou da bebedeira e novamente foi até o local da festa. Chegando lá, a irmã de Betinho pediu para que ele fosse procurar pelo irmão.

Chegando à casa de Betinho, Elias chamou inúmeras vezes, mas ninguém respondeu. Então, pulou o muro. A porta estava entreaberta e ele entrou. Logo encontrou Betinho sentado no sofá e pediu para que o amigo levantasse, pois sua irmã o estava chamando, mas Betinho continuava sem responder. Elias se aproximou de Betinho e o tocou. Betinho estava gelado e Elias logo percebeu que tinha perdido o amigo.

Elias passou mal pelo que aconteceu. Foi internado, ficou com medo da morte e na sua fé fez uma promessa para Deus, mas essa é outra história.

Elias da Silva é morador do bairro de Vila Rica desde 1966. Teve meningite aos 5 anos de idade, foi adotado por um casal, superou o alcoolismo e hoje em dia abre seu testemunho através da igreja que frequenta. Foi entrevistado pelo professor Daniel Lourenço Cavalcante e pelos alunos do 6ºC da EMEF Desembargador Sebastião Nogueira de Lima.



MARIA ROSA

Menina flor, Rosa mulher

Quando criança, Dona Rosa morava em um bairro da periferia de São Paulo, Jardim Peri. As ruas eram de terra e existia muita vegetação na redondeza. Parecia até que estava na fazenda.

Um dia, indo para a escola, apareceu uma boiada passando pela rua. Com o coração disparado, correu para cima de um morro e esperou os bois e vacas passarem. Que susto! Foi por pouco!

Dona Rosa adorava a escola, que na verdade era um galpão dividido em três salas. A professora do primeiro ano era maravilhosa e fazia tudo ficar encantado.

Seu sonho era ser professora e queria ser como aquela mulher, carinhosa e fantástica. Não conseguiu, porém se tornou agente escolar e trabalha no ambiente que sempre quis.

Mas a vida continua lhe trazendo surpresas... Viu seu sonho de infância ser realizado, através de dois de seus filhos. Hoje são professores!

Maria Rosa Fernandes Rodrigues, Dona Rosa, nasceu em 31 de agosto de 1952. Trabalha como auxiliar técnico de Educação na Prefeitura de São Paulo há 26 anos. Foi entrevistada pela professora Claudete Lacerda Pena Sales e pelos alunos do 8ºD da EMEF Desembargador Sebastião de Nogueira Lima.

MAURO

Memórias da infância: entre o brincar e o aprender

Seu Mauro gostava de brincar jogando futebol, de subir nas árvores e principalmente caçar coelhos e preás com seus amigos. A caça acontecia no brejo, em meio à mata, com ajuda dos cachorros que corriam atrás das presas. Ao final da perseguição, os animais eram soltos? Nada disso, a fome falava mais alto.

Além das brincadeiras, a infância também contou com as obrigações escolares. As aulas ficaram marcadas pelo rigor. A palmatória era uma realidade. Certa vez respondeu errado a uma pergunta e apanhou na mão.

Cercado de brincadeiras e aulas rigorosas, a infância foi acontecendo. Hoje, aos 69 anos, as lembranças fazem parte da história de Mauro, do bairro e da cidade de São Paulo.

Mauro de Doná nasceu em São Paulo (SP), bairro da Casa Verde, no dia 4 de março de 1949. Desconfiado da modernização que deslocou o cinema do bairro para as salas dos shoppings, Seu Mauro é morador do bairro Vila Rica desde 1958. Foi entrevistado pelo professor Gilson de Oliveira Mendonça e pelos alunos do 6ºD da EMEF Desembargador Sebastião Nogueira de Lima.



LUCIDO

Periferia, lugar de sonhos!

Lucido, rapaz de 22 anos com tantas histórias pra contar, escolheu o Jardim Paraná para homenagear e ali construir seu sonho.

Chegou no bairro com 9 anos e logo foi estudar no Centro Estudantil Unificado, o CEU Paz, escola recém-inaugurada, motivo de alegria e esperança para os moradores daquele bairro, que também estavam começando a sua história no meio da Serra da Cantareira, onde as árvores imperavam, mas também faltava tudo, água, energia elétrica, saneamento básico. A chegada da escola trazia oportunidades!

Lucio foi matriculado por sua mãe e logo sofreu bullying por conta do seu sobrenome, Marciano. Os alunos o chamavam de ET quando a professora fazia a chamada e dizia o seu nome completo. Mas isso não o desanimou. Lucio participava de todas as atividades extraescolares que aconteciam na escola e, numa oficina de música, descobriu seu talento. Cantar e compor letras. Sua inspiração para escrever vem das lembranças de seu pai, que o apoiava, dava incentivo, inclusive de ouvir boas músicas. A inspiração para suas letras também vêm de uma realidade e de um cotidiano difícil, vivido por sua família e pelas famílias que se instalavam no bairro e que ainda hoje, 2018, sofrem com o descaso e o abandono.

Lucido, agora como é conhecido, cantor de rap, estuda na faculdade de Educação Física, sonha em dar melhores condições de vida para sua família e ser ator. Pensa em sair do Jardim Paraná, mas nunca abandonar o seu ideal de fazer a mudança no bairro com seu repertório musical, suas letras, para que crianças e adolescentes acreditem que o Jardim Paraná, ainda seja um lugar de sonhos!

Lucio Alves, conhecido como Lucido, nasceu no dia 9 de outubro de 1995. Foi entrevistado pelos professores Iara Viana dos Santos e Urubatan Miranda da Silva e pelos alunos do 5ºD e 7º da EMEF Senador Teotônio Vilela.

Passarinhos

Nessa época fazia, muito frio na Serra da Cantareira. Às 5h da manhã já tínhamos que estar em pé, acordar, fazer o café da manhã, tomar café, organizar o material e dar uma arrumada na casa para poder ir para a escola. Voltava, tinha um quadro de tarefas, porque nós éramos hiperativos, então, nunca tinha um momento sem ser organizado. E a minha mãe contava muitas histórias para a gente. Então, o que acontecia? Eu sempre fui uma pessoa muito criativa, gostava de ouvir e colocava as histórias de saudade dela em prática. Ela contou que, quando era pequena, em Duartina, matava passarinho para comer, porque tinha necessidade. Eu falei: “Era gostoso?” “Era”. No dia seguinte, eu matei um passarinho e fiz uma farofa, era um passarinho pequenininho, para ela comer.

Ela ficou brava, porque, primeiro, não concordava em matar passarinho, e a gente nessa época não passava por necessidades, mas não bateu, nem nada. Ela falou: “Esse passarinho só tem pele e osso.”. Não ia matar a fome de ninguém.

Eu lembro da minha infância, com 4 anos sozinha na feira... Começamos a fazer o projeto com crianças, porque, entre 4 e 6 anos, elas ficavam muito soltas aqui na comunidade...

Luciana Aparecida Pessôas foi entrevistada pela educadora Julieine Medeiros Dell’Anhol e pelos jovens Emanuel Maciel de Araújo e Stefanie Caroline de Almeida, do Núcleo Cristão Cidadania e Vida (NCCV).



Um sonhador

Eu nasci no interior do Estado do Piauí, às margens do Rio Parnaíba. Mamãe disse que era domingo, estava lavando roupa num córrego perto de casa, por nome Roncador e ali ela sentiu que eu estava vindo; só deu tempo dela chegar em casa.

Tinha um córrego, no Tietê também não estava feita essa canalização, ele enchia... aquelas casinhas enchiam todas de água. Aqui no barraco, nós tomamos muita enchente. Mês de fevereiro, época das cheias.

Quando eu comprei, era só um vão. Aí, eu fiz a cozinha e a sala nessa altura, então nossa ilha era ali. Enchia na parte dos quartos, nós mudávamos para a parte alta, depois tinha que lavar tudo. Mas ali eu plantei pé de rosa, tinha um jardim. Minha esposa sempre gostou de planta, tinha um pé de chuchu, que deu muito chuchu, um pé de abacate... Quando eu saí desse barraco, eles mandaram derrubar, tinha que derrubar, para ir lá para o Singapura.

Aí, em seguida, veio uma pessoa e já fez de novo, e o pior é que cortou o pezinho de abacate, que já dava abacate havia uns três anos... Cortou o pé de rosa... O pessoal começou a fazer as casas. Hoje está tudo de bloco, bem-feito, mas era tudo de madeira. Teve um incêndio aqui uma vez, muito grande, as freiras vieram me acordar com medo de eu morrer queimado. A minha esposa não estava em casa, eu estava dormindo, trabalhava à noite. Mas a gente foi muito feliz e, nesse lugar, porque Deus nos guardou, não perdi meus filhos, estão todos vivos. A gente sente muito, porque viu muitas perdas... pessoas jovens, outras mais maduras... Não era isso que nós queríamos, ter uma história e, nessa história, ter que contar uma parte triste.

João Costa e Silva Neto foi entrevistado pela educadora Julieine Medeiros Dell’Anhol e pelos jovens Emanuel Maciel de Araújo e Stefanie Caroline de Almeida, do Núcleo Cristão Cidadania e Vida (NCCV).

Na roça é diferente da cidade

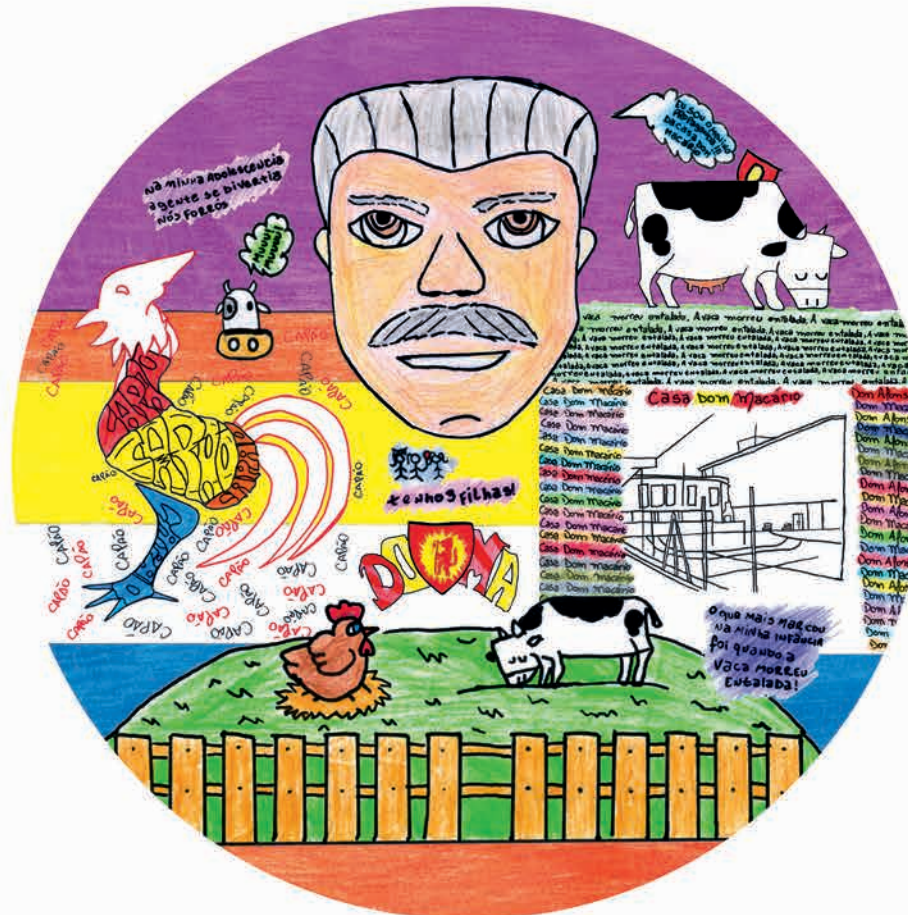
Desde que me entendo por gente, eu trabalho. A mãe levantava a gente de manhã e cada um tinha uma função. Dois iam tirar o leite das vacas, outro ia cuidar dos porcos, outros iam cuidar das ovelhas, outros iam dar comida para as galinhas. Quando terminava ali, “então agora é hora de ir pra roça”. Ia de manhã e só voltava à noite. Tomava um bom café de manhã; minha mãe fazia um cuscuz grande de milho, fervia o leite e fazia o café. Só íamos, quando todo mundo estava alimentado. Levávamos água e, às 11h30, uma pessoa levava o almoço, era uma bacia de alumínio grande. Na época, só existia arroz para quem estava doente. Fomos criados com feijão, fava e farinha de mandioca. Tinha outro detalhe: quando a mulher ia ganhar neném, tinha sempre de 30 a 40 capões e ela ficava 40 dias só cuidando do pequeno e comendo pirão de capão.

E, uma vez, uma vaca engoliu um negócio e ficou engasgada. Era uma das melhores vacas de leite que a gente tinha. Todo mundo do bairro ficou sabendo e veio encostando, tinha mais de 100 pessoas e não conseguimos desentalar, a vaquinha morreu.

Na época do verão, íamos para o rio tomar banho, para os açudes. A gente se divertia nos bailinhos dos amigos.

Quando eu vim de Pernambuco, fui morar com um irmão no centro, fui para o Exército e, depois, nos mudamos aqui para a Vila Maria. Foi muito triste, porque aqui era só barro; quando você pensava que ia chover, aqui já estava tudo inundado. Era um negócio terrível. Chovia meia hora, estava tudo cheio de água.

Elias Alves da Rocha foi entrevistado pela educadora Renata Ribeiro de Camargo e jovens Gabriel Guerra dos Santos e Helen Lima Santos - Fundação Lar de São Bento - Casa Dom Macário.



Eu quero voar

Eu e a Sueli, na época, entramos novas; a gente sabia a teoria e não sabia a prática. Um menino entrou na janela, ficou assim encaixado e falou: “Eu sou o Super-Homem, eu quero voar.” Minha colega começou pegando ele, segurando, aí ela começou a gritar, as crianças foram na minha sala me chamar: “Renata, Renata, o Cleiton está dando problema.” Eu fui na sala ao lado: “‘O que foi?’ Ela: “Ele quer voar.” Eu falei: “Não, Cleiton, vem comigo, vem aqui que eu vou voar com você.” Tirei ele de lá. “Vamos?” Ele falou: “Vamos, vamos.” “Vou te dar uma capa para voar.” Ele foi saindo. “Vamos, vou te dar uma capa” Eu tinha um pedaço de TNT no armário, coloquei a capa e falei: “Mas essa capa só pode voar no chão.” Coloquei a capa junto com ele e ficamos andando de um lado para o outro na sala, os outros alunos olhando: “Professora, não estamos entendendo nada.” Eu falei: “Vamos fazer um desenho do super-herói, vamos lá. “ Entreguei a folha, todo mundo fez os desenhos, ele também fez o dele. Eu colei na parede os desenhos do Super-Homem e depois conversamos: “Toma cuidado, nós somos Super-Homem, mas a gente tem que estar no chão.” “Está bom.”

Renata Ribeiro de Camargo foi entrevistada pela educadora Renata Ribeiro de Camargo e pelos jovens Gabriel Guerra dos Santos e Helen Lima Santos, da Fundação Lar de São Bento – Casa Dom Macário.

ROSEANE

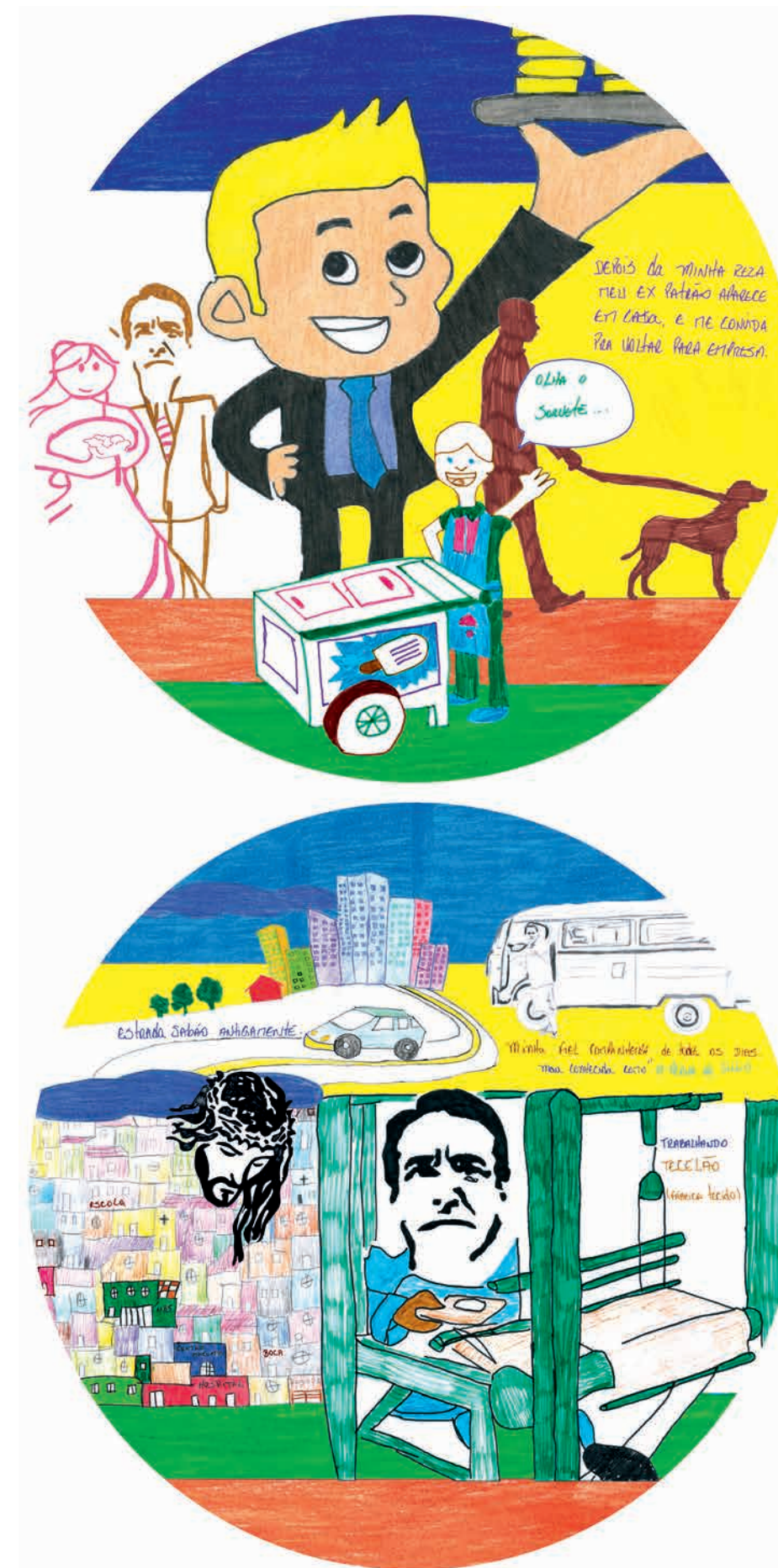
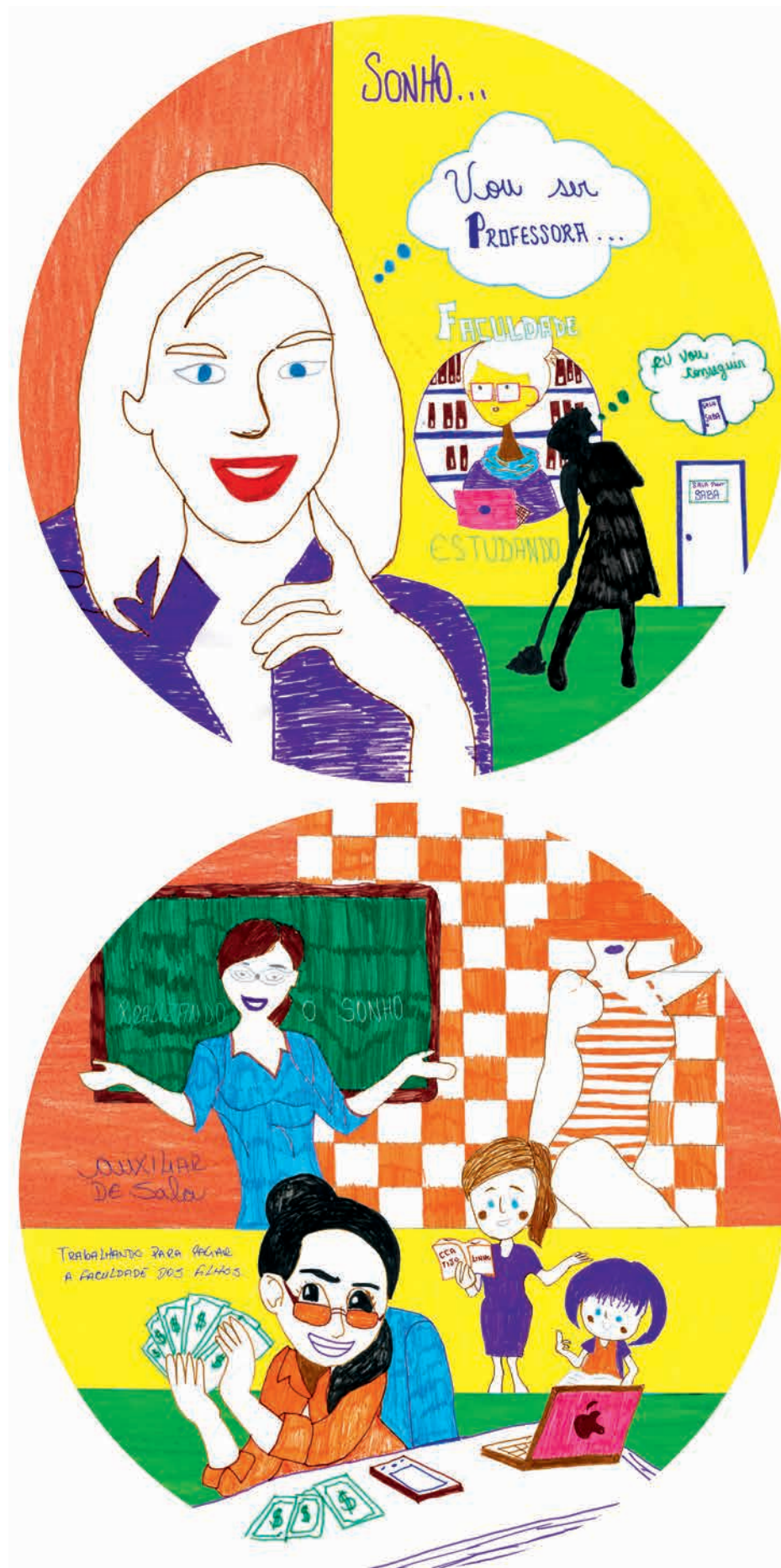
Chegando a São Paulo

Esse foi o bairro que conheci, então é daqui que eu gosto. Eu sempre mostro a primeira casa em que moramos: “Foi nessa que eu morei.” Já está diferente, não está mais como era, mas ainda está lá.

Era uma casa que tinha claridade, o sol entrava... Era o que nos esquentava, pois quando chegamos não tínhamos roupa de frio. A gente ficava procurando o sol para se esquentar. Não tinha agasalho e ia para a escola de sandália, porque no Nordeste é quente.

Eu vim com o sotaque de lá, falava “oxente”, “oxe”, quando a professora falava o nosso nome, os meninos já riam. Quando falávamos presente, então... Todo mundo caía na risada. Eu ficava bastante envergonhada, mas não desisti de ir para escola... Desde que vim para cá até ir para a faculdade, porque eu tinha o sonho de ser professora.

Roseane Maria da Costa Camara foi entrevistada pelo educador Fernando Bento Bellini e pelos educandos Rayssa Fernanda Teixeira dos Santos e David de Oliveira, do Centro de Juventudes Tijolinho.



JULIO

Se soubesse, não mordia

A Rosas de Ouro nasceu em frente ao Vile, depois que veio para a Freguesia do Ó. Então, ela saiu na Parapuã e eu fiquei encostado na grade da casa de um japonês, porque gostava de ver as brincadeiras do carnaval. De repente, o cachorro mordeu as minhas costas, furou a minha blusa e o japonês para mim: “Quem mandou você encostar aí?” “O cachorro me mordeu.” Ele: “Quem mandou você encostar aí?”

E eu gosto de cachorro, eles gostam tanto da gente. Eu pego coisas que sobram, ponho no saquinho, carrego na perua para tratar dos cachorrinhos na rua. Na minha casa, se tem um arroz, uma sobra, eu falo: “Não joga fora, deixa aí para a gente dar para os cachorrinhos, tem tantos passando fome.” Quando não tenho, se eu comprar uma coxinha, eu dou uma mordida e dou o resto.

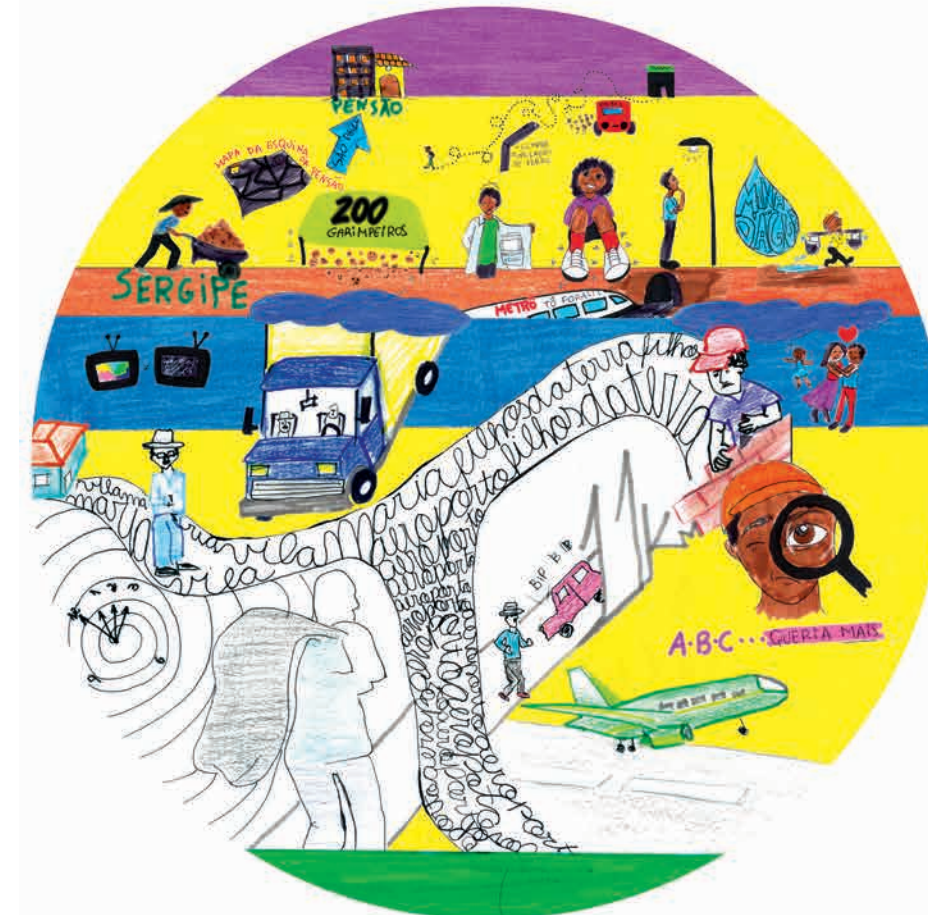
O cachorro me mordeu porque ele não sabia. Se soubesse quem eu sou, não mordia.

Vi a Rosas de Ouro nascer lá!

Julio Luciano Domingues foi entrevistado pelo educador Fernando Bento Bellini e pelos educandos Rayssa Fernanda Teixeira dos Santos e David de Oliveira, do Centro de Juventudes Tijolinho.

**Ele pediu pra namorar comigo,
a gente estava na roda-gigante**

Ele perguntou onde a gente poderia ir, eu falei: “Tem o Center Norte, que tem parque, é bem legal.” Marcamos o encontro. Eu o achei muito fofo, gostei muito dele. Na roda-gigante, estava começando a chover, foi lindo ele tirar a blusa para me proteger e depois me deu um beijo. Eu acho que nem foi um beijo de verdade, mas, para mim, aquilo que foi beijo!



Quatro paredes

E, quando eu estava construindo, eu vinha sexta-feira de tarde, dormia, trabalhava sábado e domingo. De tarde ia embora a pé daqui para a Vila Maria, 11 quilômetros, porque não tinha lugar para tomar banho e eu não ia pegar o ônibus assim.

Leocárdio José Teixeira dos Santos foi entrevistado pela educadora Fernanda Augusta de Moraes Mello e pelos jovens Diego Silva dos Santos e Naihara dos Santos Gomes, da Associação Mutirão – Centro para Juventude Helena Portugal Albuquerque.

ED CARLOS

Foi na sorte

O Carandiru ajudava pelos comércios que tinha. Era muita gente querendo, vamos dizer, alugar roupas. Minha mãe ficava na barraca e, quando os visitava, ia como irmã. As mulheres iam também, e eu, pequeno, ficava mais nas barracas, onde ficavam também os parentes.

O massacre marcou muito a nossa região, foi uma coisa que ninguém esperava... Na hora em que jogaram as facas, nós vimos. Mas os caras já estavam entrando dando tiro. Depois que os presos viram mesmo que estava morrendo muita gente, eles pediram paz, porque não queriam mais briga, mas não adiantou, não. Os caras entraram e começaram a fuzilar. Eu morava no morro, meu barraco era alto, e com isso eu vi. Os cachorros que o policial soltava brigavam com preso, que caía da muralha. Policial mirando reto para o ladrão lá dentro. Tinha ladrão que estava até na janela com o pano branco, pedindo socorro, paz, e os caras puxavam ele para fora da janela. Depois eu ouvia só o barulho do tiro.

E meus tios me falaram que eles tiveram que se molhar mesmo de sangue. Os policiais entravam com os cachorros e com as espingardas com faca e, quem estivesse vivo, eles também matavam; vinham para acabar mesmo com os presos. Então eles se fingiam de mortos, pegavam o sangue dos que já estavam mortos e se molhavam, ficavam deitados, colocavam outro corpo em cima, dois ou três corpos para não morrer também. Com isso, meus tios se melaram de sangue, se esconderam debaixo de corpo e foi na sorte mesmo. Meu tio viu espetar dois do lado dele e não espetou ele. Até hoje tenho os três tios, dois estão normais, um está doido.

Ed Carlos Silva Nascimento foi entrevistado por Maria Eulália Borges e Deise Soares, da SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura – Biblioteca de São Paulo.



Instituto Museu da Pessoa.Net

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Relações Institucionais
Rosana Miziara

Prefeitura Municipal de São Paulo

Prefeito Municipal
Bruno Covas

Secretaria Municipal de Educação

Secretário
Alexandre Alves Schneider

Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social

Secretário
José Castro

Diretoria Regional de Educação Freguesia/Brasilândia

Diretora
Márcia Regina Barrelli

Supervisora Técnica
Roberta Popov Barrelli

Diretora de Divisão Técnica
Daniele L. F. Memoli

Coordenador do Projeto
Roberto Antonio Maciel

Projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Produção
Ane Alves

Formadores
Danilo Eiji
Márcia Elias Trezza

Escolas Participantes

EMEF Profª Maria Aparecida Rodrigues Cintra

Professoras
Analice Maia Jeronymo – 6º ao 9º ano
(turmas da recuperação)
Deborah Figueiredo Izappi – 6º ao 9º ano
(turmas da recuperação)

Diretor
Luiz Fernando Costa de Lourdes

Assistente de Direção
Evaldo de Assis Moreira

Coordenadores
Paulo Pedroso de Almeida
Rosana Madalena Pereira

EMEF Desembargador Sebastião Nogueira de Lima

Professores
Daniel Lourenço Cavalcante – 6º ano C
Gilson de Oliveira Mendonça – 6º ano D
Maria Rosa Fernandes Rodrigues – 8º ano D

Diretora
Gisele Sant´Ana de Oliveira

Assistentes de Direção
Simone Jeremias Carrijo
Susen Covre Franzini

Coordenadora
Sílvia Helena Woss

EMEF Presidente Nilo Peçanha

Professora
Renata Cecília de Aguiar – 8º ano B

Diretora
Maria Cristina Desidério

Assistente de Direção
Alexandra Santini

Coordenadora
Letícia Cardoso

EMEF Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti Silvério

Professora
Eliana Apostólico Silvério – 9º ano
(turma do TCA)

Diretora
Edna Bertelli

Assistente de Direção
Flávio Rodrigues

Coordenadora
Eliana Apostólico Silvério

EMEF Senador Teotônio Vilela

Professores
Iara Viana dos Santos – 5º ano, 7º ano e
clube da leitura
Urubatan Miranda da Silva – 5º ano, 7º ano e
clube da leitura

Diretora
Sandra Heráclia de Araújo Silva

Assistentes de Direção
Marcia Maria Giannecchini Galiardi
Ricardo Marcelo Pacheco

Coordenadoras
Lucinéia da Silva Santos
Marcia Serpejante Gonçalves

EMEF Theo Dutra

Professora
Simone Maria Cabral Souto Maior Ferraz –
4º e 5º anos

Diretora
Ana Lucia Barreto

Assistente de Direção
Fernanda Luzia Pinheiro Victor Vale

Coordenadora
Caroline Gomes Dias

EMEF Profª Cecília Moraes de Vasconcelos

Professora
Simone Idy Paredes – Reforço

Diretora
Herminia de Araujo Muniz Correa

Assistente de Direção
Dirce Maria Bernardo Gekl

Coordenadora
Eliana de Jesus Duarte Pereira

EMEF Plínio Ayrosa

Professora
Priscila Vitoria Furlaneto Aquino –
5º ano C

Diretor
Antonio Berguelo dos Santos

Assistente de Direção
Angela Marcia da Guarda Gallep

Coordenadora
Daline Gomes da Silva

Entrevistados

Benedito Camargo
Elias dos Santos
Fabio Fernando da Costa
Lavinia Antônio Frederico
Lelean Al Obaid e Lana Al Obaid
Luiz Antônio da Silva
Lucio Marciano Alves dos Santos (Lucido)
Maria Rosa de Jesus
Maria Rosa Fernandes Rodrigues
Mauro de Doná

Organizações Participantes

SP Leituras – Associação Paulista
de Bibliotecas e Leitura –
Biblioteca de São Paulo

Coordenadora de Serviço Social
Maria Eulália Borges

Bibliotecária
Deise Soares

Associação Mutirão

Presidente
Mauro Dantas Lamanna

Centro para a Juventude
Helena Portugal Albuquerque

Gerente
Roberta Guilherme de Melo

Educadora
Fernanda Augusta de Moraes Mello

Educandos
Diego Silva dos Santos
Naihara dos Santos Gomes

Centro para Juventude Tijolinho

Presidente
Elói Rogério dos Santos

Diretor
Sérgio Afonso Domingues

Gerente
Renata Naous Tortolano

Educador
Fernando Bento Bellini

Educandos
Davi Felix
Rayssa Vitória da Silva

Fundação Lar de São Bento –
Casa Dom Macário

Presidente
Manuel de Oliveira

Gerente
Antônio Ricciardi

Educadora
Renata Ribeiro de Camargo

Educandos
Gabriel Guerra dos Santos
Helen Lima Santos

Núcleo Cristão Cidadania e Vida (NCCV)

Diretora
Roseni Goulart

Gerente
Priscila Siqueira

Educadora
Julieine Medeiros Dell Anhol

Educandos
Emanuel Maciel de Araújo
Stefanie Caroline de Almeida Cardoso

Entrevistados

Ed Carlos Silva Nascimento
Elias Alves da Rocha
Jailde Dantas dos Santos Teixeira – Jady
João Costa e Silva Neto
Julio Luciano Domingues
Leocárdio José Teixeira Santos
Luciana Aparecida Pessôas
Renata Ribeiro de Camargo
Roseane Maria da Costa Camara

Exposição A Zona Norte Conta Suas Histórias

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Márcia Elias Trezza
Sônia Helena Dória London

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama

Produção
Ane Alves

Concepção Expográfica
Renato Theobaldo

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção da Exposição
Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos
Alunos participantes do projeto





Patrocínio

magazineluiza
vem ser feliz


INSTITUTO CENTER NORTE

Apoio

SP Leituras
Organização Social de Cultura

 **BIBLIOTECA
DE
SÃO PAULO**

 **GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO**
Secretaria da Cultura

 **PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
ASSISTÊNCIA E
DESENVOLVIMENTO
SOCIAL

Realização


Museu da Pessoa

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

 **BRASIL**
GOVERNO FEDERAL